



RESENHA

OS TRILHOS ABREM CAMINHO PARA O FUTEBOL BRASILEIRO

Marcelo Cardoso¹

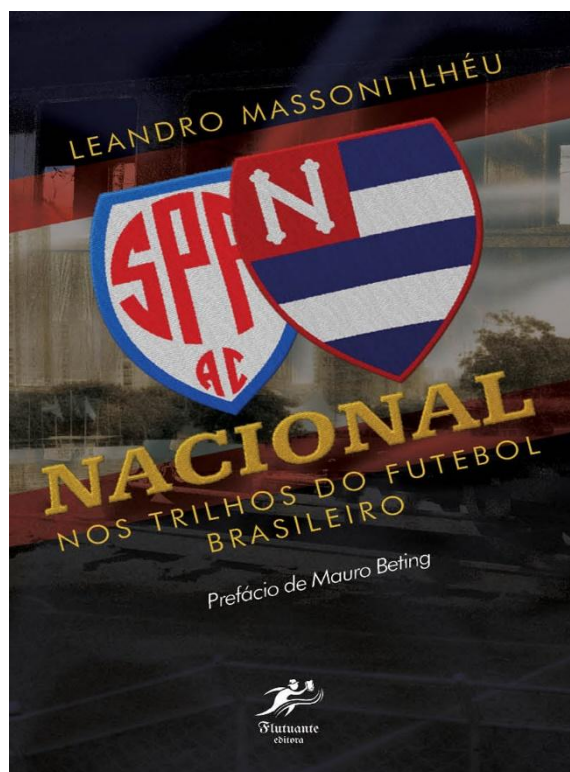
RESUMO: Nacional: nos trilhos do futebol brasileiro aborda a origem do esporte e a história do Nacional Atlético Clube, de São Paulo. O clube deriva do SP Railway Athletic Club, time ligado à empresa ferroviária inglesa onde trabalhava Charles Miller, “pai” do nosso ludopédio. Conta o autor, Leandro Massoni Ilhéu, que Miller organizou em São Paulo os primeiros jogos de futebol com regras. Ilhéu mostra características da sociedade nas primeiras décadas do século 20 por meio de subtemas como cultura, racismo, elitismo, urbanismo e imprensa, costurando-os a aspectos do futebol. A obra toca em histórias de conhecidos personagens do futebol que atuaram pelo Nacional como Jair Picerni, José Luiz Carbone e Rubens Minelli. Narrativas do livro revelam esperança, dificuldades e resiliência de funcionários, treinadores e jovens aspirantes a jogadores cujas vidas possuíram conexões com o clube em seus cem anos de história.

PALAVRAS-CHAVE: *Charles Miller. Futebol. Livro-Reportagem. Nacional Atlético Clube. São Paulo Railway Athletic Club.*

ABSTRACT: *Nacional: nos trilhos do futebol brasileiro* discusses the origin of soccer sport in Brazil as well as the Nacional Atlético Clube history, in São Paulo. The team was originated from São Paulo Railway Athletic Club's employees, The English Railway Company where Charles Miller - the “father” of our *Ludopédio* - worked. Leandro Massoni Ilhéu author's book points out that Miller organized the first soccer games by rules in São Paulo. And he also brings us society characteristics in the first decades of the 20th century by means of subthemes such as culture, racism, urbanism and press, all connected to soccer aspects. The book touch on stories of well-known soccer characters as Jair Picerni, José Luiz Carbone e Rubens Minelli. The narrative of the book shows hope, difficulties and resilience of those employees, coaches and young aspirant players whose lives were linked to the soccer team on its 100th anniversary.

KEYWORDS: *Charles Miller. Soccer. Reporting-Book. Nacional Atlético Clube. São Paulo Railway Athletic Club.*

¹ Professor, jornalista e mestre em Comunicação. Leciona no curso de Jornalismo Esportivo Multimídia da Universidade Anhembi-Morumbi (SP). Pesquisa o jornalismo esportivo em suas várias interfaces com o esporte. E-mail: cardoso_marcelo@uol.com.br



Uma partida de futebol realizada há 125 anos entrou para a história do esporte brasileiro. No dia 14 de abril de 1895 as equipes São Paulo Railway e São Paulo Gaz Company se enfrentaram no primeiro jogo oficial realizado em território nacional. As empresas eram as responsáveis, respectivamente, pela primeira ferrovia do Estado e pela iluminação pública a gás. Os times eram formados por funcionários das duas companhias e por empregados de outras empresas de origem britânica instaladas no município. O jogo ocorreu numa localidade conhecida por Várzea do Carmo, na cidade de São Paulo, e foi organizado por Charles Miller (1874 – 1953). Os ferroviários venceram por 4 a 2.

Conhecido como o “pai” do futebol brasileiro, Miller e sua família eram funcionários da companhia ferroviária. Ele desembarcou no porto de Santos em 1894, vindo de uma temporada de estudos na Inglaterra, país reconhecido como o local onde se originou o futebol moderno. Aquele jogo representou o início do que viria a ser uma paixão nacional. A elite paulistana aderiu à ideia na virada dos séculos 19 para 20, mas, gradualmente, o esporte foi amplamente aceito pela população em geral, afinal, as enormes áreas descampadas no País favoreceram este cenário.

Parte desta história é contada no livro ‘Nacional: nos trilhos do futebol brasileiro’ (2019) escrito pelo jornalista Leandro Massoni Ilhéu, editado pela Casa Flutuante e

lançado exatamente no ano em que o clube completou um século. A obra é fruto de uma pesquisa que iniciou nos bancos da universidade e terminou após sete anos. Pós-graduado em Jornalismo Esportivo e Multimídias, Ilhéu é um apaixonado pelo futebol e suas histórias. É editor e proprietário do site Jornalista em Campo (www.jornalistaemcampo.com.br) e colunista do Portal Imprensa, sítio eletrônico muito conhecido pelos universitários que cursam Jornalismo.

Apesar de começar pela origem do futebol brasileiro e temas correlatos, o foco do trabalho de Ilhéu é a narrativa a respeito do Nacional Atlético Clube, time que tem a sua raiz ligada àquele jogo realizado em 1895 e, cuja história se entrelaça com o início do futebol no Estado. Foi a partir dos jogos organizados por Miller que surgiram as primeiras equipes e os primeiros campeonatos da modalidade. Somente em 1914, porém, nasceu o grêmio futebolístico da S.P.R., ligado à empresa ferroviária que, cinco anos mais tarde passou a se chamar São Paulo Railway Athletic Club (S.P.R.), time que originou em 1947 o Nacional Atlético Clube.

O autor optou por apresentar uma narração mista, ora com o texto em terceira pessoa, ora por meio de trechos de entrevistas e depoimentos de importantes personagens da história do futebol brasileiro. A trajetória de Charles Miller – a quem o autor dedicou o capítulo 1 – auxilia a contextualizar o Brasil entre a segunda metade do século 19 e início do século 20. A industrialização do Estado, neste período, estava estreitamente ligada aos ingleses e era fruto, ainda, da época da chegada da corte portuguesa ao País.

A ferrovia liga o futebol inglês ao Brasil

Em 1867 a São Paulo Railway inaugura no Estado de São Paulo a ferrovia Santos-Jundiaí e a partir de então, demonstra o autor, os caminhos da empresa e do futebol se cruzarão diversas vezes. O livro é, também, um passeio pela mudança cultural ocorrida na época e provocada pelo contato de tantos ingleses com os paulistas.

No capítulo 2, intitulado Paranapiacaba: um pedaço da SPR, Leandro Ilhéu aborda o distrito que se localiza em Santo André, na região do ABC paulista, e surgiu a partir da construção da primeira estrada de ferro do Brasil. Paranapiacaba se transformou em uma vila ferroviária inglesa encravada no meio da Serra do Mar, que separa a cidade de São Paulo do litoral do Estado. O local foi palco de ótimas histórias sobre o time de futebol que por lá surgiu: Serrano Athletic Club.

A região é, até hoje, constantemente encoberta por neblina o que favorecia, na época, algumas artimanhas dos jogadores do Serrano. Em uma partida foram escalados dois jogadores a mais e, assim, a equipe atuou com 13 em campo sem que o adversário percebesse. Em outro jogo, relata o autor, como não existiam redes, não se sabia se a

bola passara por dentro ou por fora das traves. Aproveitando-se do fato, os jogadores do Serrano abusavam da malandragem nos dias de neblina mais densa e podiam “dar um chute na redonda de qualquer jeito que todo o time já saía gritando um tento a seu favor” (ILHÉU, 2019, p. 72). Sem a visão adequada, muitas vezes o juiz validava o gol.

No capítulo 3 são abordados fatos que deixam claro como a modalidade esportiva organizada, e que nascia no País, tinha caráter elitista e racista. Ilhéu demonstra que os padrinhos do futebol tentavam afastá-lo da crescente massa de operários, imigrantes ou não, que, cada vez mais habitavam as várzeas paulistanas. O leitor percebe, também, como ocorreu o fenômeno que contribuiu para o fim do amadorismo. Os empregados das fábricas eram chamados a competir pelos times, formados pela elite que sofria com a falta de homens com porte físico para o jogo. É neste mesmo capítulo que se narra sobre a melhor fase da S.P.R. no futebol paulista nos anos 1940, com o seu artilheiro Mário Piçarra, chamado pelos torcedores pelo apelido Passarinho.

Merece destaque, ainda no capítulo 3, a construção do estádio do S.P.R., Nicolau Alayon, abraçado pela Avenida Marquês de São Vicente e pela Rua Comendador Souza, na Barra Funda, zona oeste da capital paulista. O estádio permanece no mesmo local desde a inauguração, em 1938, e recebe os jogos do Naça (apelido carinhoso dado pela torcida). O uruguaio Nicolau Alayon foi um dos dirigentes mais entusiastas do clube e é o único estrangeiro no Brasil homenageado com o nome de um estádio.

O campo do Nacional representa um foco de resistência cultural e urbanística contra a especulação imobiliária tão comum nas metrópoles. Pela relevância para a memória do futebol paulista do início do século 20, em 29 de novembro de 2017, a arquibancada coberta e o gramado do Nicolau Alayon foram tombados pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

O capítulo 4 aborda a transformação do S.P.R. em Nacional Atlético Clube. Conforme detalha o autor, em 1946 terminou o contrato de 90 anos da empresa S.P.R. inglesa com o governo brasileiro e, com a sua saída, o clube muda de nome. A estreia oficial do time ocorreu em 1947 em um jogo no icônico Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, em São Paulo, quando o Nacional jogou contra o Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro, que venceu por 5 a 3.

No capítulo 5 o leitor encontrará uma pequena biografia de três personagens que atuaram pelo Nacional e tiveram projeção no cenário brasileiro do futebol: Jair Picerni, José Luiz Carbone e Rubens Minelli. Os demais capítulos do livro – 6 a 12 – trazem histórias do Nacional, dentro e fora de campo, suas conquistas e suas derrotas. Há relatos e entrevistas com importantes jogadores que encerraram a carreira ou foram revelados pelo Naça, que se tornou um “celeiro” de craques.

Entre os “famosos” estão Dodô e Zé Carlos, ambos com boas passagens pela seleção brasileira, ou Cacau e Terrão, que jogaram respectivamente na Alemanha e na Grécia. Há espaço para um grande ídolo do Sport Club Corinthians Paulista, Biro-Biro, que teve passagem pela equipe da Barra Funda onde encerrou a carreira em 1995.

Antes do fim do livro, o leitor terá contato com histórias de ex-dirigentes, de personagens - como os torcedores fanáticos, os irmãos Marchesin - e a opinião de cronistas e de jornalistas esportivos como Celso Unzelte, Flávio Prado, Jota Júnior, Michelle Giannella, Milton Neves e Odir Cunha que discutem as razões pelas quais times como o Nacional enfrentam dificuldades para sobreviver.

A obra revela histórias intramuros que mostram a esperança, as dificuldades e a resiliência de funcionários, treinadores e jovens aspirantes a jogadores de futebol que, de alguma forma, tiveram no Nacional uma conexão com suas vidas. O último capítulo é dedicado à torcida organizada do Naça, a Almanac (Alma Nacional) que, apesar de pouco numerosa, demonstra sua força no estádio Nicolau Alayon, como já teve oportunidade de constatar o autor desta resenha.

Referência:

ILHÉU, Leandro Massoni. *Nacional: nos trilhos do futebol brasileiro*. São Paulo: Casa Flutuante, 2019.